

O TRABALHO NA CENTRAL TEJO

Transcrição de uma reportagem, assinada por Baptista Bastos e publicada no semanário "O Século Ilustrado", de 17/10/53, sob o título "Com os Deuses da Luz" :

"A cidade ficou para trás, semi-diluída no contra-luz de um Sol eivado de sangue. Ao lado, o marulhar cavo e profundo do Tejo, que parece querer concitar segredos ao burgo tentacular. E, em nossa frente, o muro alto, negro, imundo. Pressentem-se confusos rumores de trabalho. Para lá do portão de ferro - onde se lê um sinistro dístico : "Perigo de Morte", engalanado por hedionda caveira - gera-se electricidade que Lisboa consome. E, nas vísceras das turbinas, nas entranhas das caldeiras deslumbrantes, no carvão, na água, no vapor, as correntes eléctricas contorcem-se, remexem-se, alçapremadas nos tubos enormes - para, depois, saírem vitoriosas pelos disjuntores que levam a luz a todos os cantos da cidade.

Avançamos, sob o aluvião de pó negro, que vem das enormes tuilhas de carvão - um pó que se entranha nos corpos, que invade os pulmões, que arranha os olhos raiados de sangue, febris, desses colossos obscuros, monstros sagrados que "fabricam" a electricidade no casarão de tijolo fumado da Central Tejo.

O barulho, agora, é aterrador. Não se fala - grita-se. E os gritos ribombam, lancinantes, tentando sobrepor-se ao vozeirão pesado e trágico das complicadas turbinas, que fazem lembrar um gigantesco laboratório de um insólito alquimista.

No cais sob o peso de gigas cheias de carvão duas, três dúzias de alcochetanos esvaziam o porão de um cargueiro germânico, com cantilenas estranhas nos lábios cheios de pó. Há piadas e chistes - e um poderoso cheiro a suor e a trabalho.

A Central Tejo trabalha, febrilmente, com todas as máquinas disponíveis : duas de baixa e duas de alta pressão.

Em cada compartimento há um perigo oculto - e a caveira no-lo avisa, rindo, medonhamente, para a nossa pequenez de mortais, perante a misteriosa grandiosidade do seu reino de trevas multiseculares, que se traduz numa só palavra : MORTE. E Sua Alteza lá está, a cada canto, espreitando as imprevidências desses titãs da luz, para os tragar.

Água, carvão e morte - trilogia que nos traz ao espírito singulares reminiscências.

A água do mar, que serve para refrigeração dos condensadores, é sinfonada (sistema de sifão) passa por grelhas filtradoras, é bombada para dentro dos condensadores e, depois das suas funções refrigeradoras, remetida para o mar. O vapor (outro mago da luz) utilizado nas turbinas é condensado no condensador de superfície, de onde é levado para uns tanques de alimentação das caldeiras. A água destas é feita com bombas a uma pressão de 52 a 54 quilos por cm^2 . Para se fazer uma ideia deste poderio basta dizer-se que, se essa água fosse lançada por um tubo, ia a 550 metros de altura ! Passamos pelas salas dos grupos de condensação e a dos turbo-alternadores. Avisam-nos de que não devemos tocar em coisa alguma, pois os cabos estão ligados. Há momentos de ansiedade e de expectativa. Mostram-nos o sítio onde, há tempo, se verificou uma explosão motivada por curto-circuito. As paredes estão ainda enegrecidas. Não, não houve mortos; só feridos, sem gravidade. Mas, aqui, a todo o momento, o homem, transformado em alquimista ou em deus da luz, cruza armas com Sua Alteza, a Morte.

Alguém nos avisa de que, naquele instante, a Central Tejo está produzindo de 46 a 48 000 kW.

Fazemos perguntas sobre o perigo da profissão.

Uma cara enfarruscada encolhe os ombros e limita-se a sorrir :

- Quando isto está parado, o que só acontece nas alturas em que há água suficiente nas barragens, a gente esmorece. Isto silencioso e nós ficamos para aí acabrunhados, reduzidos à nossa pequenez ...

Agora quando se trabalha dia e noite, é outra coisa. Quanto mais movimento mais perigo ... E nós gostamos disto, de brincar com a morte, enquanto lá, na cidade, os homens lêem ou conversam ou se divertem sob a luz que nós geramos ... Nessas alturas, sentimo-nos grandes, enormes. A cidade depende de nós e, com o peso dessa responsabilidade, esquecemo-nos de que somos mortais e julgamo-nos deuses ...

Bastaria um simples movimento para tudo ficar em completa escuridão ... E nós trabalhamos, febris, nervosos, desafiando o perigo, acompanhados pela morte ... Lá fora, somos homens como os outros; aqui, somos uma espécie de titãs ...

Aqui, nas caldeiras de alta pressão, junto às bocas das fornalhas, os homens lembram aventesmas, ou insólitos duendes, neste inferno de carvão e de luz.

As caldeiras produzem 44 quilos por cm^2 de pressão de vapor. Para se atingir esta potência é necessário uma temperatura de 450^o centígrados. Nas câmaras de combustão, o poder é de 1 200^o! Ouvem-se ordens, gritadas através do barulho lancinante. As mãos, transformadas em porta-voz, estão em constante vai-vem.

Lá fora, a cidade tem luz, a troco de tragédias e de canseiras, de perigos soberanos e de lutas titânicas.

No quadro de comando, centro nervoso da Central Tejo, controla-se a geração e as saídas da electricidade. Luzitas verdes e encarnadas tremelicam, constantemente. É um compartimento aparentemente calmo, quase recatadamente burocrático. Mas os olhos dos peritos cirandam, de um para outro lado, numa curiosidade profissional que é filha de remotas e obscuras reminiscências.

Então, um homem abana a cabeça e, encaminha-se para um telefone. Faz a chamada interior e diz isto, simplesmente isto, talvez sem saber a grandiosidade daquelas palavras, aparentemente simples :

- Nada de novo ... Tudo normal ... Daqui, Central Tejo ... A cidade tem luz ! ..."